

ISSN: 2178-602X

Resenha  
Volume 17, Número 3, set-dez de 2023

Submetido em: 12/12/2022

Aprovado em: 16/09/2023

## As múltiplas camadas da memória da/na televisão

*The multiple layers of memory of/on television*

*Las múltiples capas de la memoria de/en la televisión*

Valdemir Soares dos SANTOS NETO<sup>1</sup>  
Mário Abel BRESSAN JÚNIOR<sup>2</sup>

### Resumo

Resenha crítica do livro “Television, Memory and Nostalgia” (2011), da pesquisadora britânica Amy Holdsworth.

**Palavras-chave:** Memória; Nostalgia; Televisão.

### Abstract

Critical review of the book “Television, Memory and Nostalgia” (2011), by British researcher Amy Holdsworth.

**Keywords:** Memory; Nostalgia; Television.

### Resumen

Reseña crítica del libro “Televisión, Memoria y Nostalgia” (2011), de la investigadora británica Amy Holdsworth.

**Palabras clave:** Memoria; Nostalgia; Televisión.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisa em Memória, Afeto e Redes Convergentes. Bolsista Capes/PROSUC. E-mail: [valdemirnetto@gmail.com](mailto:valdemirnetto@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2512-1100>

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Professor vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Líder do Grupo de Pesquisa em Memória, Afeto e Redes Convergentes. E-mail: [marioabelbj@gmail.com](mailto:marioabelbj@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8309-1723>



---

A televisão ocupa um lugar de destaque no cotidiano do sujeito midiaticizado. Em *Television, Memory and Nostalgia*, a pesquisadora britânica, Amy Holdsworth, vinculada à *School of Culture & Creative Arts* da *University of Glasgow*, questiona as formas e os modos particulares da televisão em sua profunda relação com a memória e a nostalgia. O livro supracitado desdobra as discussões da autora sobre televisão e memória realizadas nos últimos anos e apresenta recortes interessantes para (re)pensarmos a força da televisão, sob diferentes enquadramentos, enquanto instrumentos de reverberação da memória em diversas camadas.

Nesta resenha apresentamos um olhar crítico a respeito dos tópicos abordados pela pesquisadora em uma tentativa de compreensão dessa inter-relação entre a televisão e a memória no cotidiano. Publicado em 2011, seus escritos ainda carecem de respostas nos dias atuais, tendo em vista tratar-se de um campo de pesquisa e reflexão ainda em consolidação no âmbito das pesquisas brasileiras dos estudos sobre memória e nostalgia. Portanto, busca-se, neste espaço, ampliar essas discussões a respeito dos conceitos levantados pela pesquisadora ao longo dos cinco capítulos.

Logo no primeiro capítulo, intitulado *Half the World Away: Television, Space, Time and Memory*, Holdsworth (2011) pensa a televisão, o seu lugar no imaginário popular e o seu papel na construção das memórias individuais e coletivas. A partir das noções de memória discutidas por Huyssen (2000), a pesquisadora lança um olhar aprofundado para a televisão, e as formas que são possibilitadas pelo uso da técnica e da estética, no desencadeamento das memórias ao situar a própria televisão enquanto um sistema próprio de produção de memória.

A perspectiva da autora reforça a ideia de que a televisão não deve ser entendida apenas como um dispositivo mediador de imagens. A tevê funciona, também, como um dispositivo capaz de provocar estímulos sensoriais no telespectador dos quais muitas memórias são acionadas e forjadas pela mídia. Essa observação da autora em relação às memórias forjadas pela mídia foi discutida por numerosos autores, e ainda se trata de uma problemática extremamente contemporânea a ser discutida.

Ao analisar diferentes produções televisivas em que a autorreferencialidade ao dispositivo televisivo é mobilizada nessas narrativas audiovisuais, Holdsworth (2011) explicita como a televisão busca expandir as memórias sobre esse imaginário que o



indivíduo constrói sobre suas relações de consumo com a própria televisão. Em um cenário hipermidiático, dominado pela profusão de telas e dispositivos telânicos <sup>3</sup>, veremos como a própria televisão se encarrega de lembrar ao telespectador de que maneira o suporte, o aparelho televisivo, constitui-se parte integrante de nossas práticas cotidianas e os efeitos sensoriais estimulados e possibilitados por esse suporte. É como se a televisão aqui fosse entendida como um *black mirror*, como atribui Holdsworth (2011) – um espelho em que a memória da televisão emerge neste contexto de contemplação e reflexão da própria televisão enquanto meio catalisador das memórias e de experiências afetivas possibilitadas a partir do contato do telespectador com este suporte.

O capítulo 2, *Haunting the Memory: Moments of Return in Television Drama*, compreende as diferentes formas de relação da televisão com a memória em produções audiovisuais seriadas no âmbito do drama televisivo. A questão da memória aqui é tratada a partir da ótica dos “lampejos” de lembranças” que retornam no tempo presente dentro dessas narrativas e, sobretudo, de que maneira estes enquadramentos são reconstituídos a partir da estética da linguagem audiovisual. Dentro das narrativas audiovisuais, são esses “lampejos” que nos ajudam a compreender a memória do personagem, e de que maneira seus desdobramentos serão delineados a partir desta confrontação do passado com o tempo presente. Como diria Sarlo (2007, p. 9), “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”.

Holdsworth (2011) evidencia, portanto, diferentes formas de instrumentalização das lembranças e como a estética audiovisual, dentro de seus enquadramentos teórico-metodológicos e outros aspectos ligados à semiótica da narrativa, intentam canalizar essas memórias que são acionadas para o personagem. Nessas circunstâncias, ao analisar determinadas produções televisivas, Holdsworth (2011) discute como o retorno do passado pode se manifestar em níveis comemorativos, contemplativos, reflexivos, dentre outras possíveis formas de compreensão da memória. A estética do audiovisual trabalha para reconstituir essas reminiscências a partir de uma certa sensibilidade da própria televisão em

---

<sup>3</sup> Leitura dos autores feita a partir de Lipovetsky e Serroy (2009).



---

compreender a sua força no processo de evocação das memórias. Em alusão aos estudos de Huyssen (2000), a autora descreve esses movimentos de retorno ao/do passado como uma representação da nossa perda de memória – ou dessa possibilidade eminente do esquecimento.

Aqui cabe fazer um contraponto aos estudos da autora. Embora neste tópico Holdsworth (2011) não problematize o retorno da memória na perspectiva de quem assiste, parece-nos factível considerar também esses “lampejos de lembranças”, com vistas a tornar a narrativa mais “consumível” ao telespectador, como um esforço de linguagem capaz de auxiliá-lo no processo de constituição de suas lembranças a respeito dos personagens, da narrativa e, sobretudo, de suas relações para além das telas. Como discute-se no âmbito dos estudos sobre memória (POLLAK, 1992), as memórias não são estáveis e são constituídas e reconstituídas no tempo presente sempre a partir do confronto com o passado. É o presente a força motriz que possibilita a constituição e a reconstituição das memórias a partir das reminiscências que nos são apresentadas pela televisão. Daí a necessidade desse retorno ao passado como forma de interpelar o telespectador. Este, talvez, seja um tópico interessante que mereça um destaque maior em novas abordagens.

Adiante, no capítulo 3, *Who Do You Think You Are? Memory and Identity in the Family History Documentary*, problematiza-se a questão das memórias individuais e coletivas e como a mídia interfere no processo de subjetivação por parte de quem assiste. Existe uma preocupação por parte da autora com a formulação das identidades, na medida em que essas produções audiovisuais são, previamente, recortes de uma realidade subjetiva e que apresentam funções importantes no acionamento de memórias, as quais devem ser retrabalhadas na contemporaneidade. Este também é um tópico exatamente pertinente aos estudos de memória, como defende Pollak (1992), ao entender a força que a memória exerce nos projetos de construções identitárias de uma nação, por exemplo. Para a pesquisadora, a televisão torna-se responsável pelo processo de abrir e fechar memórias, criando padrões e direcionando o olhar do telespectador para memórias que devem ser confrontadas e outras que devem ser silenciadas. A partir da leitura de Pollak (1992), esse abre e fecha



---

de memórias pode resultar em impactos e promover alterações substanciais em diversos campos da sociedade, da política e da cultura.

As observações postuladas por Holdsworth (2011) reforçam que essas dinâmicas da televisão, ao enquadrar as memórias no tempo presente, corroboram os argumentos de Huyssen (2000) a respeito dessa síndrome da memória que persegue as sociedades contemporâneas. Existe um paradoxo nessas retomadas do passado, pois, à medida que existe um medo do esquecimento, a própria televisão trabalha para que determinadas memórias sejam mais memoráveis em detrimento de outras que devem ser negligenciadas, silenciadas. Para a televisão, evidentemente, existem interesses e premissas particulares que fazem dessa memória um recorte atrativo e que alteram as lógicas de circulação dos produtos audiovisuais no contexto das mediações.

Para dar conta dessas questões da memória e das mediações, Holdsworth (2011) focaliza sua discussão na série britânica, de gênero documental, intitulada *Who Do You Think You Are?* (2004-presente), na qual as histórias e memórias de famílias são vistas como estratégias essenciais para a composição da obra audiovisual. Na obra, cada episódio conta com um participante convidado, e neste formato a ideia se desenrola a partir da reconstrução genealógica dos participantes e das histórias submersas neste contexto. Produzida originalmente pelo serviço de radiodifusão britânico *Broadcasting Company Television* (BBC), o programa tornou-se um sucesso no Reino Unido e, posteriormente, foi expandido para outros lugares do mundo. A partir desse objeto, Holdsworth (2011) destaca como o formato televisivo do programa se altera, muitas vezes, de acordo com os contextos culturais de cada região, e como a televisão “sente o peso” dessa força das imagens ao ponderar sobre quais lembranças devem ser rememoradas e esquecidas, tendo em vista que esses passados podem, como defende Pollak (1992) e Huyssen (2000), desestabilizar a memória e a identidade nacional, local e regional.

Para evitar o acionamento de determinadas lembranças que, do ponto de vista da identidade nacional, poderiam ser consideradas sensíveis e cruciais a essa “estabilidade” da memória, Holdsworth (2011) observa como o formato do programa necessitou ser readequado à televisão americana, como parte de uma própria política da televisão ao ponderar sobre o seu impacto cultural nas sociedades. O apelo



---

emocional, os movimentos de câmera, a narração e outros elementos constitutivos à narrativa audiovisual são recortados e repensados pela televisão americana para tornar esse retorno do passado “menos sombrio” e, conseqüentemente, mais agradável ao usuário. Por tratar-se de uma abordagem complexa da memória na televisão, a pesquisadora sugere novas investidas neste tópico a partir de outros contextos transnacionais, as quais permitirão compreender como as mediações do passado são reconfiguradas a partir dos interesses da própria organização midiática e seus confrontos com questões extrínsecas ao seu domínio.

O que se evidencia no olhar multifacetado da pesquisadora é a tentativa de sinalizar aos pesquisadores a força dos recortes trabalhados pelas instâncias midiáticas na constituição e evocação das memórias e, sobretudo, a necessidade de pensar em critérios específicos a serem adotados no âmbito das narrativas audiovisuais em relação ao retorno ao passado – em especial quando consideramos a flutuação da memória, a qual pode sofrer variações de acordo com os contextos transnacionais. É justamente esse percurso analítico de Holdsworth (2011) que reforça a necessidade de uma consciência crítica ao empreendermos os produtos midiáticos como potenciais evocadores de memória, e a necessidade de se avaliar sobre os riscos e os desafios nessa retomada do passado.

Huyssen (2014) discute que as memórias são alvos constantes de disputas políticas, culturais, sociais. Parafraseando o autor, essa sedução pela memória apresenta consigo riscos que, a depender do contexto, são determinantes para a coesão de uma cultura e podem desencadear novos embates pela consagração de uma memória identitária, por exemplo. Este é um assunto que requer análises peculiares, ainda mais quando consideramos as novas formas de circulação de produtos audiovisuais no contexto do *streaming* em escala global.

No capítulo 4, intitulado *Safes Returns: Nostalgia and television*, a autora discute as práticas de instrumentalização da nostalgia, através dos retornos de produtos televisivos e suas interfaces – *revivals*, *reboots*, *remakes* e outras particularidades. Holdsworth (2011) discute a relação entre o passado e o presente como uma complexa trama de significados, que podem fornecer algumas pistas interessantes a respeito do uso e reuso do passado na televisão. Este conceito tem



---

ganhado projeção no contexto dos estudos brasileiros a partir de autores como Goulart Ribeiro (2018) e Castellano e Meimaridis (2017).

Dentre as estratégias mobilizadas pelas indústrias televisivas, inseridas no contexto do mercado da nostalgia (GOULART RIBEIRO, 2018), existe, para Holdsworth (2011), uma certa economia afetiva nos arquivos audiovisuais produzidos e que são, posteriormente, recuperados pela televisão. Para a autora, a televisão é privilegiada por situar-se como um espaço estimulador da nostalgia. Entretanto, sob uma perspectiva mais sociológica, a autora traça a questão da nostalgia na televisão para além do seu valor comercial. Existem, dentro dessas retomadas do passado, nesse retorno seguro ao passado como bem explicitado, elementos fundamentais e constitutivos nos modos como a memória é evocada reconstituída. Segundo a autora, “as formas televisuais estão mais uma vez envolvidas no processo de ‘domesticação’ de histórias e memórias mais difíceis, revestindo o passado na segurança do anódino” (HOLDSWORTH, 2011, p. 101).<sup>4</sup>

Com base nos questionamentos da autora, as indústrias midiáticas partem do pressuposto no qual a reciclagem do passado, enquanto estratégia mercadológica, trata-se de um procedimento relativamente barato às indústrias televisivas, tendo em vista os baixos custos de investimento e os altos lucros obtidos a partir do valor afetivo que mobiliza a audiência. Nesta direção, a autora sinaliza que existem outros sintomas nessa rememoração do passado que devem ser observados pelas pesquisas. Assim como Huyssen (2000, p. 32) discutira no início do milênio, a pesquisadora reitera aqui a ideia de uma cultura da memória na qual existe uma obsessão cultural com o passado, na medida em que “somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança”.

Através da televisão, Holdsworth (2011) defende que é possível que as estratégias de instrumentalização da nostalgia, conceito explorado em pesquisas de autores brasileira como Castellano e Meimaridis (2017), exerçam, consideravelmente, novas possibilidades de compreensão do passado, além de convencionar novas memórias dentro deste processo de subjetivação e rememoração do telespectador – o

---

<sup>4</sup> No original: *the televisual forms are once again involved in the process of ‘taming’ more difficult histories and memories, couching the past in the safety of the anodyne.*



---

que possibilita a constituição das chamadas memórias imaginadas, confabuladas pela mídia.

Neste sentido, a nostalgia, entendida enquanto um sentimento afetivo acionado e estimulado pela televisão, está ligada à ideia de como a televisão reenquadra a si mesma, olha para si e questiona o seu próprio passado e, principalmente, as expectativas do telespectador neste processo de predileção de memórias a serem acionadas pela mídia audiovisual. São vistas, sobretudo, como uma política da memória da própria organização ao adotar determinadas estratégias de instrumentalização da nostalgia.

Estudos recentes reforçam essa relação entre a televisão e a memória. No Brasil este movimento pode ser verificado na força do projeto de retorno dos títulos antigos do Grupo Globo no Globoplay, plataforma de streaming da organização. Apesar do seu caráter predominantemente mercadológico, Santos Neto e Bressan Júnior (2023) evidenciam como o retorno dos títulos antigos da organização na plataforma exerce múltiplas funções, de diversas ordens, como a função afetiva e mercadológica, que se subalternam e garantem a existência do arquivo televisivo.

Dentro desse paradoxo da cultura da memória entre o lembrar e o esquecer, Holdsworth (2011) retoma Huyssen (2000) em diversos momentos para destacar de que maneira as instâncias midiáticas atuam tanto como um dispositivo capaz de acionar memórias e lembranças, como também funcionam como um sistema de manutenção e regulação das nossas memórias dentro de suas premissas, lógicas e interesses particulares.

Por fim, Holdsworth (2011) vai além e discute, no último capítulo *Television's Afterlife: Memory, the Museum and Material Culture*, a musealização da televisão e dos artefatos televisivos enquanto objetos de memória da própria televisão. Para a pesquisadora, os museus funcionam como espaços de memórias da televisão, que atuam como uma forma muito particular de reflexão sobre os modos como a televisão reverbera em nossas vidas, em nossas práticas cotidianas. Como defende Huyssen (2000), os museus são espaços de memórias; a sua existência dá condição e possibilidade para que as memórias não sejam esquecidas, apagadas.





Em meio ao avanço da técnica e dos suportes que, em larga escala, reconfiguram o *modus operandi* da televisão, a pesquisadora explicita a importância dos museus nessa manutenção da televisão na contemporaneidade ao possibilitar que essa memória televisiva permaneça viva em nossas memórias individuais e coletivas. É como se esse acionamento da memória da televisão evidenciasse que o que testemunhamos não é a morte da televisão, mas, sim, novos meios de se atingir as estéticas a partir das novas ferramentas e dispositivos tecnológicos. É a própria televisão agenciando a sua força e sua memória identitária, do ponto de vista simbólico, daquilo que ela representa para a sociedade.

Entretanto, a questão da preservação televisiva não considera apenas o objeto físico, mas discute-se também o arquivamento dos conteúdos audiovisuais produzidos pela televisão. Com o *boom* da memória, como discute Huyssen (2000), a televisão testemunha a sua própria musealização na medida em que a própria convergência midiática expande as noções de museu na contemporaneidade. Não tratamos apenas dos museus enquanto espaços físicos, sobretudo, também, para uma perspectiva que as práticas de digitalização permitem esse arquivamento da televisão. E, para além desse arquivamento, de que maneira esses arquivos podem nos propiciar novas formas de se relacionar com o passado televisivo.

O percurso delineado pela pesquisadora enquadra as práticas mais comuns utilizadas no âmbito da indústria audiovisual – e não apenas no contexto da televisão britânica. Ao passo em que Holdsworth (2011) sinaliza determinadas práticas inseridas no contexto das mediações midiáticas, ainda que se considerem as premissas pelas quais foram designadas, a autora adverte para os efeitos provocados no telespectador por esse retorno ao passado. Não podemos tratar, apenas, do caráter mercadológico e do valor afetivo atribuído a essas práticas. É preciso que os estudos considerem outras perspectivas em relação a esse “mercado da nostalgia” e as formas de reciclagem do passado.

*Television, Memory and Nostalgia* apresenta aos pesquisadores em memória e nostalgia, em especial aos estudos com ênfase na televisão, novos olhares para pensar as práticas de instrumentalização do passado televisivo e a força da televisão na evocação de memórias. É evidente as interlocuções realizadas pela pesquisadora com



os estudos de Huyssen (2000), um dos precursores nos estudos sobre memória. O medo do esquecimento, a musealização do passado, os efeitos da mídia na manutenção das memórias e das identidades, são algumas das camadas que revestem a memória e que transcorrem ao longo dos cinco capítulos. Muitos dos pontos apresentados foram evidenciados anteriormente por Huyssen (2000). Entretanto, os esforços de pesquisa mobilizados por Holdsworth (2011) possibilitam-nos enxergar a complexidade da memória e da nostalgia contemporânea no contexto da televisão e seus impactos no cotidiano.

## Referências

- CASTELLANO, Mayka.; MEIMARIDIS, Melina. PRODUÇÃO TELEVISIVA E INSTRUMENTALIZAÇÃO DA NOSTALGIA: O CASO *NETFLIX*. *Revista GEMInIS*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 60–86, 2017. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/281/252>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- GOULART RIBEIRO, A. P. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. *E-Compós*, [S. l.], v. 21, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1491>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- HOLDSWORTH, Amy. *Television, Memory and Nostalgia*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. 192 p. ISBN 978-0-230-24598-3.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HUYSSSEN, Andreas. *Políticas de memória no nosso tempo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.
- LIPOVETSKY, Gilles.; SERROY, Jean. *A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200–215, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 4 set. 2023.
- SANTOS NETO, Valdemir Soares dos.; BRESSAN JÚNIOR, Mario Abel. As complexas relações arquivísticas, mercadológicas e afetivas diante das práticas de preservação e compartilhamento do arquivo televisivo do Grupo Globo: o caso da plataforma Globoplay. *Rebeca*, v. 11, n. 2, 2023. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/828>. Acesso em: 4 set. 2023.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.



Esta é uma RESENHA publicada em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.